



DOSSIÊ ESPECIAL

CADERNOS DE ESTUDOS SOCIAIS E POLÍTICOS (CESP)

v.8, n.14, 2019

# 50 anos

*de produção e transmissão de  
conhecimento: a tradição do IESP  
UERJ por seus estudantes*

Marcelo Borel

Marcia Candido

Helio Cannone

Hellen Oliveira

Matheus Vitorino

ORGANIZADORES



## **EXPEDIENTE**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Instituto de Estudos Sociais e Políticos - IESP

## **CADERNOS DE ESTUDOS SOCIAIS E POLÍTICOS**

[www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/CESP](http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/CESP)

## **COMITÊ EDITORIAL**

Helio Cannone, IESP-UERJ

Hellen Oliveira, IESP-UERJ

Kayo Moura, IESP-UERJ

Marcelo Borel, IESP-UERJ

Marina Rute Pacheco, IESP-UERJ

Mariane Silva Reghim, IESP-UERJ

Matheus Vitorino, IESP-UERJ

Paulo Joaquim Da Silva Rodrigues, IESP-UERJ

Raul Nunes de Oliveira, IESP-UERJ

## **CAPA, LAYOUT E DIAGRAMAÇÃO**

Marcelo Borel

Marcia Rangel Candido

Hellen Oliveira



## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>Apresentação</b><br>Marcelo Borel, Marcia Candido, Helio Cannone, Hellen Oliveira &<br>Matheus Vitorino   | 4  |
| <b>Quinze Anos do Observatório Político Sul-Americano: a<br/>Integração Regional do Brasil a partir da Universidade</b><br>Marília Bernades Closs & Talita Tanscheit                                 | 11 |
| <b>Núcleo de Estudos de Teoria Social e América Latina<br/>(NETSAL): Histórico, Abordagens, Produções e Contestações</b><br>Raul Nunes & Simone Gomes  | 22 |
| <b>Quando a Universidade Tem Lugar no Debate Público: a<br/>Trajetória do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação<br/>Afirmativa (GEMAA)</b><br>Marcia Rangel Candido & Poema Eurístenes Portela | 29 |
| <b>As Contribuições de Maria Regina Soares de Lima para a Ciência<br/>Política Brasileira</b><br>Marianna Albuquerque  | 43 |
| <b>Por Mais Sociedade no Estado: os Estudos de Renato Boschi<br/>sobre Movimentos Sociais na Redemocratização</b><br>Helio Cannone   | 51 |
| <b>Colocando o IUPERJ no Mapa dos Estudos de Mulheres, Gênero<br/>e Feminismo no Brasil: as Redes Intelectuais de Neuma Aguiar</b><br>Gabriela de Brito Caruso                                       | 59 |
| <b>A Sociologia de Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva</b><br>Wesley Luiz de Azevedo Dias & Wescrey Portes Pereira  | 68 |

|   |     |
|---|-----|
| <b>A Via Jurídica para o Americanismo nos Trópicos: a Biografia de Werneck Vianna e a Construção do IUPERJ de uma Hipótese de Democratização à Brasileira</b><br>Daniel Henrique da Mota Ferreira | 76  |
| <b>César Guimarães: um Professor</b><br>Matheus de Sá Moravia & Rafael Rezende  | 84  |
| <b>Sol na Cabeça e Correria Sob os Pés: Vida e Produção de Luiz Antonio Machado da Silva</b><br>Clara Polycarpo & Hellen Oliveira   | 91  |
| <b>Polifonia na Independência: a Contribuição de Isabel Lustosa para o Pensamento Político Brasileiro</b><br>Lidiane Vieira   | 101 |
| <b>Um Panorama dos 50 Anos de Pós-Graduação do IESP Através de Suas Ementas</b><br>Paulo Henrique Paschoeto Cassimiro   | 109 |
| <b>Passado e Presente: a Análise da Política Externa Brasileira, Antes de Tudo</b><br>Leonildes Nazar   | 119 |

## QUANDO A UNIVERSIDADE TEM LUGAR NO DEBATE PÚBLICO: A TRAJETÓRIA DO GRUPO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES DA AÇÃO AFIRMATIVA (GEMAA)<sup>1</sup>

*When the university has a place in public debate: the trajectory of the Affirmative Action Multidisciplinary Studies Group (GEMAA)*

Marcia Rangel Candido<sup>2</sup>

Poema Eurístenes Portela<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Para demarcar a isonomia do concurso de ensaios desta edição da Cadernos de Estudos Sociais e Políticos, este texto não foi considerado entre os candidatos, haja vista que um dos coordenadores do GEMAA integrou o processo decisório e que uma das autoras é editora da revista.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ). Pesquisadora do GEMAA desde 2014. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.  
E-mail: marciarangelcandido@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ) e pesquisadora do GEMAA desde 2015. E-mail: poemaeuristenes@gmail.com

## RESUMO

Este ensaio elabora uma breve história do GEMAA, núcleo de pesquisa sediado no IESP-UERJ. Para tal, após uma pequena introdução, o texto ressalta três marcos de trajetória institucional: o *conteúdo* desenvolvido, que possui duas grandes linhas de investigação concentradas no acesso ao ensino superior, ou na diversidade em representações da indústria cultural; as estratégias de *comunicação*, caracterizadas pela contínua intervenção no debate público, a partir da interlocução com a mídia, atores governamentais e movimentos sociais; e, por fim, a *coletividade* do legado de conhecimento produzido, que reúne gerações de cientistas sociais. De uma maneira geral, a principal contribuição do GEMAA à sociedade tem sido a difusão de evidências empíricas de desigualdades raciais e injustiças sistemáticas contra os pretos e pardos no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** GEMAA; Pesquisa; História institucional; Racismo; IESP-UERJ

## ABSTRACT

This essay elaborates a brief history of the GEMAA, a research group based at IESP-UERJ. To this end, after a short introduction, the text highlights three milestones of institutional trajectory: the *developed content*, which has two main lines of research focused on access to higher education, or diversity in representations of the cultural industry; the *communication* strategies, characterized by the continuous intervention in the public debate, through the dialogue with the media, government actors and social movements; and, finally, the *collectivity* of the legacy of knowledge produced, which brings together generations of social scientists. Overall, GEMAA's main contribution to society has been the dissemination of empirical evidence of racial inequalities and systematic injustices against blacks and browns in Brazil.

**KEYWORDS:** GEMAA; Research; Institutional History; Racism; IESP-UERJ

A história das Ciências Sociais no Brasil é uma subárea relativamente consolidada, mas em rápido crescimento no que toca seu montante de publicações ao longo dos últimos anos. Embora sociólogos e antropólogos apresentem maior regularidade em autoria de textos sobre a trajetória de suas disciplinas, tal abordagem tem se tornado cada vez mais frequente também entre cientistas políticos (Jackson e Barbosa, 2017; Avritzer, Milani e Braga, 2016; Bulcourf, Márquez e Cardozo, 2015). Esses estudos observam, grosso modo, o contexto de formação e autonomização de campos do conhecimento, a partir de análises de intelectuais, apanhados sobre produção acadêmica, história de criação de cursos de graduação, mestrado e doutorado, associações profissionais e revistas especializadas. Os grupos de pesquisa, por seu turno, nem sempre são objeto de atenção.

O problema da referida “lacuna” é que subestima a importância desses espaços como lugares de institucionalização de projetos coletivos, onde estudantes e professores interagem e se formam como pesquisadores, demandam financiamentos, formalizam linhas de pesquisa e práticas de divulgação científica. É claro que nem todos os grupos de estudo são estruturados da mesma maneira, alguns privilegiam debates internos, outros organizam diferentes meios de publicação e buscam diálogo exterior à universidade. Ainda assim, a carreira de muitos docentes e pesquisadores, bem como a expansão de certas agendas temáticas, esbarram consideravelmente na atuação dos centros de pesquisa.

O presente ensaio tem como objetivo elaborar uma breve história do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA), núcleo de pesquisa sediado no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ). O texto procura gerar um documento de memória, mas se insere em uma conjuntura mais ampla, que é demarcada pela comemoração do cinquentenário da pós-graduação do IESP-

UERJ. Fundados, respectivamente, em 1969 (mestrado em Ciência Política), 1973 (mestrado em Sociologia) e 1976 (doutorado em ambas) no antigo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), e transferidos para a UERJ em 2010, os cursos do IESP são pioneiros no Brasil. Esta condição precursora faz com que a instituição seja reiteradamente mencionada em trabalhos de história das Ciências Sociais, mas pouco se sabe sobre os diversos grupos de pesquisa que a integram.

Além de buscar colaborar para o conhecimento de uma das partes que constituem o IESP-UERJ, o registro do desenvolvimento do GEMAA revela traços de continuidade da tradição de estudos sobre desigualdades nascida no antigo IUPERJ com professores como Nelson do Valle Silva e Carlos Hasenbalg, que contribuíram de maneira decisiva para desvelar o racismo da sociedade brasileira, criando inclusive subsídios para a ação política do Movimento Negro. O GEMAA também interveio, à sua própria maneira, em questões candentes do debate público sobre questões raciais, como a política de ação afirmativa para acesso ao ensino superior e a representatividade de pretos e pardos no audiovisual nacional.

Ademais, cabe refletir que no cenário político e social atual do país as Ciências Sociais estão em situação de risco. Ameaçados por discursos de ódio, precarização laboral e cortes em verbas na educação, os acadêmicos vinculados a instituições de ensino e pesquisa são desafiados incessantemente a provar a relevância pública do conhecimento científico e, mais especificamente, das humanidades. Para dar conta disso, após um relato da criação do GEMAA, três aspectos de sua trajetória institucional são discutidos: o *conteúdo*, a *comunicação* e a *coletividade*.

## ORIGENS

A Rede de Estudos da Ação Afirmativa (REAA), liderada pelo cientista político João Feres Júnior e pelo economista Jonas Zoninsein foi a organização que antecedeu o GEMAA. A REAA funcionou de 2004 a 2007 no antigo



IUPERJ e tinha como finalidade não propriamente a produção de pesquisas sobre ação afirmativa (AA), mas promover o encontro, intercâmbio e colaboração de pesquisadores brasileiros e estrangeiros engajados em estudá-las. Em 2008, com o encerramento das atividades da REAA, Feres Júnior fundou o Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa, ainda nas dependências do antigo IUPERJ. Em parceria com Luiz Augusto Campos, Verônica Toste Daflon e Ana Claudia Jaquetto, estudantes de pós-graduação sob sua orientação, Feres Júnior levou à frente variadas pesquisas. Com a transferência do instituto para a UERJ em 2010, o GEMAA continuou em plena atividade, com apoio de subsídios públicos e privados, fornecidos pela Fundação Ford, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico (CNPq) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). A seguir, o texto comenta mais detidamente particularidades marcantes da história do GEMAA, a começar pelo *conteúdo* dos estudos gestados no grupo.

## CONTEÚDO

O nome do GEMAA comunica de maneira bem direta a linha de pesquisa mais substantiva do núcleo, que esteve como elemento central de projetos desde sua origem: os “estudos multidisciplinares de ação afirmativa”. Nesse guarda-chuva foram abarcadas perspectivas de teoria política, análises da cobertura midiática sobre o tema no Brasil, mensurações sobre desempenho de estudantes cotistas e não cotistas, comparações da execução da política em outros países como Estados Unidos, França e Índia, e acompanhamentos periódicos das AAs em universidades federais e estaduais, – mais recentemente incorporando não só a graduação, mas também a pós-graduação.

O grupo adota a seguinte definição de AA:

todo programa, público ou privado, que tem por objetivo conferir recursos ou direitos especiais para membros de um grupo social desfavorecido, com vistas a um bem coletivo. Etnia,

raça, classe, ocupação, gênero, religião e castas são as categorias mais comuns em tais políticas (Feres Júnior et al., 2018: p.13).

Mesmo que seja impossível sintetizar todas as diferentes abordagens do GEMAA ao estudo das AAs, é razoável apontar que os pesquisadores almejavam proporcionar um entendimento abrangente sobre o assunto, partindo da definição do conceito, passando por suas justificativas enquanto política pública, sua história em diferentes regiões do mundo - Norte e Sul do continente americano, Ásia e África -, e, sobretudo, seu impacto no Brasil. No país, por seu turno, um dos nichos mais polêmicos de efetuação de AAs foi no acesso ao ensino superior, que gerou intensa repercussão na mídia, em discursos políticos, tribunais de justiça, e, inclusive, em manifestos de intelectuais/acadêmicos (Feres, Daflon e Campos, 2010; Feres Júnior e Daflon, 2015; Feres Júnior *et al.*, 2018). Voltaremos a essa contenda na discussão sobre práticas de *comunicação* do núcleo.

A preponderância das AAs como objeto de estudo no GEMAA durou até meados de 2014, quando as linhas de pesquisa começaram a se diversificar. O enfoque em torno de políticas públicas passou, então, a tratar paralelamente de tópicos sobre representatividade em meios de entretenimento cultural, do cinema às telenovelas e dos videogames à publicidade. A diferença, contudo, é que a maior parte da nova leva de investigações não se debruçava mais sobre a formulação de respostas às assimetrias, mas sim em uma fase prévia, ou seja, na necessidade de produção de dados que mapeassem as desigualdades e fornecessem respaldo para demandas de ações do governo. O caráter singular dessa etapa pode ser delimitado pelo grupo ter oferecido à comunidade acadêmica, aos meios de comunicação e aos representantes públicos informações que abraçavam a interseccionalidade entre raça e gênero.

Nos quatro campos de entretenimento examinados – cinema, telenovelas, videogames e publicidade – o ponto de partida das pesquisas tem como base a pergunta “*quais* grupos sociais são representados e *como* eles são representados?”. Mesmo que uma parcela desses estudos esteja em estágio final

de coleta de dados, os resultados preliminares mostram estatisticamente a severa exclusão de pretos e pardos não só entre representações positivas, como até mesmo na própria composição das realidades representadas. É como se pessoas de cor preta ou parda, maioria entre a população brasileira quando somadas, não existissem no plano das imagens sobre o país (Candido *et al.*, 2014; Candido, Campos e Feres, 2016; Feres Júnior e Martins, 2017; Eurístenes, Machado e Feres Júnior, 2018; Candido e Feres, 2019). Em relação à indústria cinematográfica nacional, todavia, a extensa duração de pesquisas e a multiplicidade de publicações circuladas pelo GEMAA propiciou visibilidade sobre o tema e maior envolvimento da sociedade, caso que será indicado na próxima seção.

As AAs e os tipos de participação de grupos raciais em representações da indústria cultural têm dominado as pesquisas do grupo, seja em disponibilidade de recursos de financiamento, ou em mão-de-obra utilizada. Mas o GEMAA aprofundou outras temáticas de importância pública, como a inserção de homens e mulheres, brancos, pretos e pardos na política institucional (Campos e Machado, 2014), o enquadramento de experiências de racismo na mídia (Toste *et al.*, 2014) e a propagação de dados sobre raça e gênero na sociedade brasileira (Leão *et al.*, 2017; Campos, Franca e Feres Júnior, 2018). Como, não obstante, os estudos realizados dentro de programas de pós-graduação chegam ao público? Na história do núcleo, a *comunicação* científica é um componente fundamental, conforme comentamos na segunda seção.

## COMUNICAÇÃO

Não é sempre que um grupo de pesquisa consegue, ou mesmo almeja, consolidar diálogos para “fora” dos muros das universidades. Essa característica oscila não apenas por gostos pessoais de organização dos respectivos integrantes, mas pelo caráter de assuntos estudados, que pode estar relacionado estritamente a debates teóricos, sem tangenciar pautas exteriores à

academia e, portanto, pouco interessantes aos não especialistas; assim como pela abertura do entorno, que torna suscetível ou não interações com a mídia, os movimentos sociais e os atores governamentais. O GEMAA, desde 2008, conquistou espaço de intervenção pública, por lidar com agendas de pesquisa relevantes no desenvolvimento de políticas públicas e centrais à atuação de movimentos sociais. Isso significa que, além de ter sido alvo de extensas reportagens e fonte para matérias jornalísticas, o núcleo também tomou parte, por exemplo, no princípio das reuniões do Fórum pela Promoção da Igualdade Racial (FOPPIR), nas primeiras discussões sobre a avaliação da política de cotas nas universidades através do Ministério da Educação (MEC) e na efetivação do recorte de raça e gênero nos trabalhos da Agência Nacional de Cinema (ANCINE), assim como participou de ações de coletivos<sup>4</sup> e de encontros na Secretaria do Audiovisual (SAv) do Ministério da Cultura (MinC)<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Alguns casos foram: o seminário “Quem tem medo das mulheres no audiovisual?”, realizado pelo *Coletivo Vermelha* no Museu da Imagem e do Som (MIS) de São Paulo em 2016, o *Cineclubes Delas*, campanha “Machismo no Audiovisual”, do canal do Youtube *Sobre Elas*.

<sup>5</sup> A interlocução do GEMAA com a ANCINE começou depois da divulgação dos primeiros resultados da pesquisa de cinema divulgados em 2014. Graças à convite e diálogo com Eloíza Mara, Maria Gabriela Pereira e Carolina Costa, o grupo apresentou dentro da agência o estudo “A Cara do Cinema Nacional” (Daflon, Candido e Moratelli). Após essa data, encontros e apresentações regulares foram ocorrendo. Destacam-se, por exemplo, que as pesquisadoras do núcleo (Candido e Daflon) estiveram em reunião com uma das gestões de direção da agência (Débora Ivanov), representaram o GEMAA no Seminário Internacional Mulheres no Audiovisual, promovido na Casa de Rui Barbosa em 2017 (Candido), encontraram formalmente servidores da ANCINE para auxiliar em metodologia de pesquisas sobre representatividade (Feres Júnior e Candido) e integraram o Grupo de Trabalho – Diversidade de Gênero e Étnico-Racial no Audiovisual, a convite da SAv, no Ministério da Cultura (MinC). Como consequências dessa relação, é possível apontar o lançamento de cotas de raça e gênero em editais de fomento público e circulação de relatórios institucionais de diversidade. Ver, dentre outros:

“Aprovadas cotas para mulheres, negros e indígenas em edital para produção cinematográfica”. ANCINE, 2018. Disponível em:

<https://www.ancine.gov.br/pt-br/sala-imprensa/noticias/aprovadas-cotas-para-mulheres-negros-e-ind-ge-nas-em-edital-para-produ-o> Acesso em 9 de setembro de 2019.

“ANCINE publica Informe sobre Diversidade de Gênero e Raça no cinema em 2016”. ANCINE, 2018. Disponível em:

<https://www.ancine.gov.br/pt-br/sala-imprensa/noticias/ancine-publica-informe-sobre-diversidade-de-g-nero-e-ra-no-cinema-em-2016> Acesso em 9 de setembro de 2019.

Para aludir rapidamente à atuação do GEMAA no debate público, sabe-se que as AAs foram campo de intensa disputa. No que toca à instituição dessas iniciativas nas universidades públicas do país, o grupo mostrou que os jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo* controlavam a discussão de AAs para negros, veiculando uma posição predominantemente negativa à sua adoção (Campos, Feres Júnior e Daflon, 2013; Campos *prelo*). Entre os argumentos contrários e favoráveis à política, as pesquisas científicas acresceram à sociedade desconstruindo mitos e sentidos comuns, tais como a noção de que cotistas teriam performance inferior aos não cotistas; a ideia que as AAs causavam erosão da identidade nacional; e até a interpretação de que constituíam uma afronta à igualdade de direitos, sendo ineficientes no cumprimento de seus intuitos (Feres, Daflon e Campos, 2010; Feres Júnior e Daflon, 2015; Feres *et al.*, 2018).

A disseminação das pesquisas do GEMAA ocorre em formatos variados: textos de discussão, levantamentos, infográficos, boletins, relatórios de desigualdades e, de modo mais amadurecido, artigos, dissertações de mestrado, teses de doutorado e livros<sup>6</sup>. O que distingue cada uma das publicações é o grau de complexidade de apresentação dos argumentos e dados das pesquisas. A ideia do grupo ao efetivar práticas tão diversas é democratizar e socializar seus estudos da maneira mais ampla possível. Consequentemente, a conexão com grandes meios de comunicação acaba facilitada e citações na imprensa tornam-se comuns<sup>7</sup>.

As versões mais consolidadas de reflexões de longo prazo, por sua vez, ganharam forma em quatro livros já publicados: o *Guia Bibliográfico Multidisciplinar da Ação Afirmativa: Brasil, África do Sul, Índia e EUA*, organizado por João Feres Júnior, Marina Pombo de Oliveira e Verônica Toste Daflon; *Ação Afirmativa e Universidade: Experiências Nacionais Comparadas* e *Ação Afirmativa no*

---

<sup>6</sup> Para mais informações, consultar <http://gema.icsp.uerj.br> Acesso em 9 de setembro de 2019.

<sup>7</sup> Para acessar um histórico do diálogo do GEMAA com a mídia consulte: *GEMAA na Mídia*. Disponível em: <http://gema.icsp.uerj.br/gema-na-midia/> Acesso em 9 de setembro de 2019.



*Ensino Superior Brasileiro*, ambos de João Feres Júnior e Jonas Zoninsein; e, o mais recente, *Ação afirmativa: conceito, história e debates*, de João Feres Júnior, Luiz Augusto Campos, Verônica Toste Daflon e Anna Carolina Venturinni.

Nas teses de doutorado, a história do GEMAA está presente em *Enquadrando a Esfera Pública: a controvérsia das cotas raciais na imprensa*, finalizada por Luiz Augusto Campos em 2013 e que está em processo de produção em livro pela Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (EdUERJ); *Tão longe, tão perto: pretos e pardos e o enigma racial brasileiro* (2014), de Verônica Toste, que também defendeu o mestrado vinculada ao núcleo com a pesquisa *Políticas de Reserva: o Modelo Indiano de Ação Afirmativa* (2007); e *Ações afirmativas para ingresso em cursos de pós-graduação*, de Anna Carolina Venturini (2019).

Entre as dissertações, soma-se a *Invisibilidade de narrativas e visibilidade de estereótipos: o problema da representatividade das mulheres negras no cinema nacional* (2016), de Marcia Rangel Candido. Fora isso, Raissa Rodrigues, Marcelle Félix e Laís Muller Napoleão, gerações mais novas de pesquisadoras, têm conduzido projetos de mestrado e doutorado associados ao GEMAA. A evolução que certos quadros de estudantes atravessam em meio a grupos de pesquisa evidencia o caráter coletivo de construção desses espaços, responsáveis por aprimorar formações, ao mesmo tempo em que são transformados por elas. É disso que se ocupa o trecho abaixo: *coletividade*.

## **COLETIVIDADE**

O caráter coletivo de grupos de pesquisa pode se resumir apenas ao aspecto formal de institucionalização de uma união de pessoas interessadas nas mesmas agendas temáticas. Na trajetória do GEMAA, no entanto, isso é saliente não só nas teses e dissertações, de autoria individual, mas nas inúmeras práticas de publicação do grupo, que congregam escritos de jovens pesquisadores às diretrizes e revisões de coordenadores mais experientes. A apresentação dos estudos é pensada em reuniões, no decorrer dos processos de levantamento de dados e, finalmente, na difusão deles.

Com a liderança de João Feres Júnior e, a partir de 2014, contando com a parceria de coordenação de Luiz Augusto Campos, mais de trinta pessoas tiveram – ou têm – suas carreiras acadêmicas vinculadas ao GEMAA, sendo elas, além dessas que vos escreve, Anna Carolina Venturini, Águida Bessa, Beatris Lima, Bruno Salgado, Caroline Seródio, Cleissa Regina de Oliveira, Daniel Duque, Eduardo Barbabela, Flávio Carvalhaes, Gabriella Moratelli, Gizelle Castro, Jefferson Belarmino de Freitas, Laís Müller, Larissa Soares, Leandro Guedes, Leonardo Nascimento, Lorena Miguel, Luisa Calixto, Luna Sassara, Marcell Machado, Marcelle Felix, Natalia Leão, Pedro Ramos, Raissa Rodrigues, Thyago Simas, Vivian Nascimento e Yan Aguiar.

A programação do *I Seminário GEMAA*, realizado em 2015 e intitulado “Gênero e Raça no Audiovisual”, por seu turno, registra mais uma faceta do traço de *coletividade* da estruturação do grupo: foram efetivados diálogos e organizadas mesas com especialistas em cinema negro, diretoras de curtas-metragens com protagonismo de negros, e servidoras da ANCINE. Do lado do GEMAA, dividiram as palestras os coordenadores (Feres Júnior e Campos), a doutora e então longeva pesquisadora do núcleo, Verônica Daflon, e Marcia Candido, à época, mestranda em Ciência Política no IESP-UERJ. Sobre esse último quesito, destacamos um aspecto: ao contrário de priorizar apenas pessoas com títulos de doutorado em eventos públicos, os professores que lideram o grupo fazem um movimento rotineiro de valorização e incentivo a iniciantes na academia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na presente edição comemorativa dos cinquenta anos da pós-graduação do IESP-UERJ, escolhemos falar sobre a trajetória de um de seus grupos de pesquisa sob a perspectiva de quem compreende o papel central destes espaços no ambiente acadêmico. Nossa proposta, longe de pretender ser um registro neutro, haja vista que o texto tem autoria de pesquisadoras vinculadas ao núcleo, foi de construção de memória e contribuição à parte de

uma história institucional mais ampla. Em virtude da limitação de páginas que este dossiê impunha, o ensaio reuniu resumidamente alguns marcos da trajetória do GEMAA.

Em mais de dez anos de existência, como desdobramento de quatorze projetos de pesquisa, os profissionais associados ao grupo produziram, além das teses e dissertações mencionadas, aproximadamente quarenta artigos; cinco livros; dois relatórios compilando estatísticas públicas das desigualdades no Brasil; dezenove textos para discussão (TDs); onze levantamentos de dados relacionadas às políticas de AAs nas universidades públicas; treze infográficos e seis boletins. Listar essas publicações, mais do que mensurar quantitativamente o trabalho empenhado por integrantes do núcleo, almeja ilustrar o que apresentamos neste texto: uma atuação comprometida com divulgação científica e interlocução com a sociedade. O modelo de trabalho construído pelo GEMAA possui a capacidade de tangenciar temas centrais tanto para o debate público, quanto para áreas consolidadas no meio acadêmico, com uma escrita diversa, objetiva e acessível. Visitar seus aspectos de *conteúdo*, *comunicação* e *coletividade* torna-se, nesse sentido, também um modo de ponderação acerca das práticas desenvolvidas para alcançar a opinião pública e diluir as fronteiras entre “especialistas” e a população, movimento tão necessário, ontem e hoje.

## REFERÊNCIAS

- AVRITZER, Leonardo. MILANI, Carlos. BRAGA, Maria do Socorro. (2016), *A Ciência Política no Brasil: 1960-2015*. FGV: Rio de Janeiro, 449p.
- BULCOURF, Pablo. MÁRQUEZ, Enrique. CARDOZO, Nelson. (2015), “Historia y Desarrollo de la Ciencia Política en América Latina: Reflexiones sobre la Constitución del Campo de Estudios”. *Revista de Ciencia Política*, v.35, n.1, p.179-199.
- CAMPOS, Luiz Augusto; MACHADO, Carlos. (2014), “A Cor e o Sexo da Política: composição das câmaras federais e estaduais (2014)”. *Textos para discussão GEMAA*, n. 7, p. 1-21.

CAMPOS, Luiz Augusto. FERES JÚNIOR, João. (2016), “Globo, a gente se vê por aqui?” Diversidade racial nas telenovelas das últimas três décadas (1985 – 2014). *Plural, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, v.23, n.1, p.36-52.

CAMPOS, Luiz Augusto. FERES JÚNIOR, João. DAFLON, Verônica Toste. (2013), “Administrando o debate público: O Globo e a controvérsia em torno das cotas raciais”. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n.11, p.7-31.

CAMPOS, Luiz Augusto. FRANCA, Danilo. FERES JÚNIOR, João. (2018), “Relatório das Desigualdades de Raça, Gênero e Classe”, *GEMAA*, n.2, p.1-18.

CAMPOS, Luiz Augusto. (prelo), *Em Busca do Público: a controvérsia das cotas na imprensa*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

CANDIDO, Marcia. CAMPOS, Luiz Augusto. FERES JÚNIOR, João. (2016), “A Cara do Cinema Nacional”: gênero e raça nos filmes nacionais de maior público (1995-2014)”. *Textos para discussão GEMAA*, n. 13, p. 1-20.

CANDIDO, Marcia. FERES JÚNIOR, João. (2019), “Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro”. *Revista Estudos Feministas*, v.27, n.2, p.1-14.

CANDIDO, Marcia. MORATELLI, Gabriela. DAFLON, Verônica Toste. FERES JÚNIOR, João. (2014), “A Cara Do Cinema Nacional”: gênero e cor dos atores, diretores e roteiristas dos filmes brasileiros (2002-2012). *Textos para discussão GEMAA*, n. 6, p. 1-25.

EURÍSTENES, Poema. MACHADO, Marcell. FERES JÚNIOR, João. (2018), “Representação de gênero e raça em videogames”. *Textos para discussão GEMAA*, n. 17, p. 1-23.

FERES JÚNIOR, João. CAMPOS, Luiz Augusto. DAFLON, Verônica Toste. VENTURINI, Anna Carolina. (2018), *Ação Afirmativa: conceito, história e debates*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 208p.

- FERES JUNIOR, João. DAFLON, Verônica. (2015), “A nata e as cotas raciais: genealogia de um argumento público”. *Opinião Pública*, v.21, n.2, p.238-267.
- FERES JUNIOR, João. DAFLON, Verônica. CAMPOS, Luiz Augusto. (2010), “Cotas no STF”, *Insight Inteligência*, v. 49, p.124-136.
- FERES JÚNIOR, João. MARTINS, Cleissa Regina. (2017), “Gênero e Raça nas Revistas de Bordo”. *Textos para discussão GEMAA*, n. 15, p. 1-19.
- JACKSON, Luiz Carlos. BARBOSA, Darlan. (2017), “História das Ciências Sociais Brasileiras”. In: MICELI, Sergio. MARTINS, Carlos. (org). *Sociologia brasileira hoje*, São Paulo: Ateliê Editoria, 374p.
- LEÃO, Natália. CANDIDO, Marcia. CAMPOS, Luiz Augusto. FERES JÚNIOR, João. (2017), “Relatório das Desigualdades de Raça, Gênero e Classe”, *GEMAA*, n.1, p.1-21.
- MACHADO, Marcell. Eurístenes, Poema. FERES JÚNIOR, João. (2017), “Políticas de ação afirmativa nas universidades estaduais (2017)”. *Levantamento das políticas de ação afirmativa*, GEMAA.
- TOSTE, Verônica. SASSARA, Luna. FERES JÚNIOR, João. BARBABELA, Eduardo. MORATELLI, Gabriela. (2014), “Os casos de suspeita de racismo noticiados pela Folha de S. Paulo: 2001-2012”. *Textos para discussão GEMAA*, n. 5, p. 1-74.